

epidemiologia. Apesar de alguns estudos terem abordado intervenções para a redução da fadiga no grupo estudado, entende-se que há necessidade de ampliação dos estudos de intervenção para prevenção e manejo dos sintomas entre enfermeiros inseridos em situações inesperadas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104036>

EP-113 - FORNECIMENTO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL SUFICIENTES PARA O USO - ATUAÇÃO DE ENFERMEIROS BRASILEIROS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Milton Jorge de Carvalho Filho,
Paula Cassa Pedrassi,
Ana Cristina Oliveira Silva,
Mayra Gonçalves Meneguetti,
Laelson Rochelle Milanês Sousa,
Renata Karina Reis, Elucir Gir

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A pandemia da COVID-19 mudou o funcionamento padrão das instituições de saúde em todo os países, causou danos à saúde física e mental de profissionais de saúde que atuam na linha de frente de combate à infecção. Enfermeiros estiveram expostos a riscos elevados de contrair o vírus e adoecimento mental em decorrência do contexto pandêmico e das dificuldades de acesso a recursos materiais suficientes e de qualidade, como equipamentos Proteção Individual (EPI).

Objetivo: Analisar o fornecimento de equipamentos de proteção individual suficientes para o uso entre enfermeiros brasileiros que atuaram na assistência durante a pandemia de COVID-19.

Método: Foi realizado um estudo transversal por meio de uma pesquisa on-line com 5.112 enfermeiros de todas as regiões do Brasil, que incluía capitais e cidades do interior do país. Os dados foram coletados por meio de uma adaptação do método de amostragem orientada por respondentes para o ambiente virtual. O fornecimento de equipamentos de proteção individual suficientes para o uso foi identificado por meio da variável: "A instituição que você trabalha forneceu EPI em quantidade suficiente para o uso em 2022? (SIM/NÃO)". A associação estatística foi verificada por meio do Qui-Quadrado de Pearson.

Resultados: Participaram do estudo 5.112 enfermeiros. 4.442 (86,9%) receberam EPI suficientes para o uso, 4.116 (83,2%) eram do sexo feminino, 2.400 (48,5%) tinham pele de cor branca. As seguintes variáveis tiveram associação estatisticamente significativa com o fornecimento de equipamentos de proteção individual suficientes para o uso: assistência a pacientes quilombolas ($p=0,05$); trabalhar em instituições públicas de saúde ($p < 0,001$); trabalhar em instituições filantrópicas ($p < 0,001$) e prestar assistência em ambulatórios ($p < 0,001$).

Conclusão: Conclui-se que o fornecimento de equipamentos de proteção individual suficientes para o uso entre

enfermeiros brasileiros que atuaram na assistência durante a pandemia de COVID-19 foi associado ao tipo de instituição, assistência a pacientes quilombolas e prestar assistência em ambulatórios.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104037>

ÁREA: HEPATITES VIRAIS

EP-114 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS HEPATITES VIRAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 2010 E 2020

Arthur Mota Pinheiro, Beatriz de Moraes Pereira

Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA),
Marília, SP, Brasil

Introdução: As Hepatites Virais (HV) são causadas por diversos agentes etiológicos, com destaque para os vírus da hepatite A, B, C, D e E, os quais, apesar de possuírem afinidade comum pelo tecido hepático, apresentam formas de transmissão distintas e desenvolvem quadros clínico-evolutivos de diferentes gravidades. Considerando que o Sudeste é a região brasileira com maiores índices de HV, especialmente o estado de São Paulo, torna-se importante a realização de um estudo epidemiológico detalhado acerca da transmissão local dessa doença.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico das HV no estado de São Paulo entre 2010 e 2020.

Método: Estudo epidemiológico descritivo retrospectivo com base em dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificações do Sistema Único de Saúde (SINAN/DATASUS). Incluíram-se os casos confirmados de HV entre 2010 e 2020 no estado de São Paulo. As variáveis utilizadas foram ano do diagnóstico (2010-2020), sexo (feminino ou masculino), faixa etária (< 1 , 1-19, 20-39, 40-59, 60-79 e > 80) e fonte da infecção (Ign/bco, sexual, transfusional, uso de drogas injetáveis, vertical, acidente de trabalho, hemodiálise, domiciliar, tratamento cirúrgico, tratamento dentário, pessoa/pessoa, alimento/água e outros).

Resultados: Confirmaram-se 89591 casos, sendo 52607 homens (58,7%) e 36984 mulheres (41,3%). Em relação à faixa etária, predominam pessoas de 40-59 anos, com 44009 casos (49,2%), seguidos de 20-39 anos com 25344 (28,3%), 60-79 anos com 17044 (19%), 1-19 anos com 1891 (2,1%), > 80 anos com 1029 (1,1%) e < 1 ano com 274 casos (0,3%). Quanto à fonte da infecção, destaca-se a sexual, com 12429 casos (13,9%), seguida por uso de drogas injetáveis com 8286 (9,2%), transfusional com 5527 (6,2%), tratamento dentário com 2162 (2,4%), tratamento cirúrgico com 2079 (2,3%), pessoa/pessoa com 1419 (1,6%), domiciliar com 871 (0,98%), alimento/água com 598 (0,66%), vertical com 581 (0,65%), hemodiálise com 234 (0,26%) e acidentes de trabalho com 227 (0,25%), além das 3503 (3,9%) fontes classificadas como "outros" e das 51675 (57,7%) ignoradas.

Conclusão: A maioria dos pacientes com HV é do sexo masculino com idade entre 40-59 anos. A forma mais comum de infecção é a via sexual, justificando o fato de a faixa etária mais acometida ser a com vida sexual ativa. Ressalta-se que a

escassez de dados da doença no SINAN/DATASUS após 2020 impossibilitou uma análise epidemiológica atualizada, sendo necessária a notificação de casos recentes para a realização de políticas públicas eficazes no controle da infecção.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104038>

EP-115 - APRESENTAÇÃO COLESTÁTICA PROLONGADA DE HEPATITE A EM VIAJANTE INTERNACIONAL NÃO IMUNIZADO: UM RELATO DE CASO

Erika Y.M. Bomfim, João Vitor Matachon Viana, Gabriella Cecília Vanin, Mariana Soares Kajita, Marcos Vinicius da Silva

Instituto de Infectologia Emílio Ribas, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A hepatite A é uma infecção viral causada pelo vírus da hepatite A (HAV), transmitida principalmente por via fecal-oral. Com distribuição em todo o mundo, apresenta maior incidência em áreas com saneamento básico precário. Mesmo em locais de baixa endemicidade, os surtos de hepatite A em viajantes continuam a ser uma preocupação de saúde pública, muito relacionada à ausência de imunização nessa população.

Objetivo: Apresentamos um caso de hepatite A colestática, com curso clínico prolongado, em viajante internacional sem imunização prévia.

Método: Este relato foi elaborado com base em revisão de prontuário e da literatura.

Resultados: Paciente do sexo masculino, 33 anos, natural e procedente de São Paulo, sem antecedentes patológicos relevantes, deu entrada no Instituto de Infectologia Emílio Ribas em dezembro de 2023 com quadro de icterícia e diarreia de início dois meses antes. No início do quadro, encontrava-se na Zâmbia, onde realizava trabalho voluntário. A região não dispunha de saneamento básico, e houve consumo de água não tratada e alimentos de procedência desconhecida. Devido aos sintomas, fora avaliado em serviços de saúde na África do Sul e na Tailândia, onde foram realizadas pesquisas para malária e dengue com resultados negativos. Durante estadia na Tailândia, passou por internação hospitalar breve devido à elevação de transaminases. Investigação de hepatites virais resultou em sorologia reagente para hepatite A, com IgM positivo. Ao retornar ao Brasil, mantinha icterícia, prurido e diarreia. Repetidas sorologias para hepatites virais com manutenção dos resultados encontrados anteriormente. Realizado também painel molecular nas fezes, sem detecção microbiológica. Foram realizados PCR para HAV e HEV nas fezes e no sangue, com detecção de HAV nas fezes. O paciente recebeu acompanhamento ambulatorial e evoluiu com resolução do quadro.

Conclusão: A hepatite A pode apresentar-se de forma variável, desde leve até casos graves com complicações hepáticas. O diagnóstico geralmente é confirmado pela detecção de IgM anti-HAV no soro. A imunização universal no Brasil desde 2014, junto com melhorias no saneamento básico, reduziu a incidência da doença. No entanto, adultos não vacinados,

especialmente jovens de classe média-alta e viajantes internacionais, continuam em risco, sendo mais propensos a necessitar de hospitalização. Esses achados enfatizam a importância da vigilância epidemiológica e da ampliação da cobertura vacinal para prevenir novos casos e complicações associadas à hepatite A.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104039>

EP-116 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR HEPATITE B AGUDA NO BRASIL: UM ESTUDO ECOLÓGICO (2014-2023)

Heloísa Rodrigues Marmé, Luiza Bisognin Marchesan, Beatriz Alves Gonçalves, Catarina Spohr Saretta, Isadora Pereira do Nascimento, Melissa Fernandes Vilela de Freitas, Sofia Zulianeli Carvalho Andrade

Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), Santos, SP, Brasil

Introdução: A hepatite B aguda, causada pelo vírus da hepatite B, é uma preocupação global de saúde devido à sua alta morbimortalidade. Ela pode ser assintomática ou apresentar sintomas como febre, anorexia, náuseas, vômitos e icterícia. Nesse contexto, a análise do perfil epidemiológico dos pacientes diagnosticados com hepatite B aguda no Brasil é essencial para aprimorar estratégias de controle e prevenção, reduzindo o impacto da doença e promovendo a saúde da população.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico dos pacientes diagnosticados com hepatite B aguda no Brasil de 2014 a 2023.

Método: Realizou-se um estudo ecológico, baseado em dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), vinculado ao Departamento de Informações e Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram considerados os casos registrados de hepatite B aguda no Brasil no período de 2014 a 2023 e as seguintes variáveis: regiões do Brasil, ano de processamento, faixa etária, gênero e raça/cor. Os dados coletados foram organizados em planilhas do Microsoft Excel e analisados por estatística descritiva.

Resultados: Durante o período analisado, foram registradas um total de 9.575 internações devido à hepatite B aguda em todo o Brasil. Dessas, 901 ocorreram na região Norte (representando 9,4% do total), 4.338 na região Nordeste (45,3%), 2.566 na região Sudeste (26,8%), 1.002 na região Sul (10,5%) e 768 na região Centro-Oeste (8%). Quanto à faixa etária dos pacientes afetados, observa-se uma predominância significativa entre aqueles com idades entre 40 e 69 anos, totalizando 60,5% do número total de casos. Além disso, nota-se uma disparidade de gênero, com uma maioria de casos ocorrendo em homens, representando 70,5% dos acometidos. Em relação à cor/raça, a maioria dos casos foi observada em indivíduos pardos, com 52,6% das ocorrências, seguidos por brancos, que totalizaram 22,2% dos casos. No entanto, é importante